

Tomboy: a imagem do outro como diferença na pós-modernidade¹

Roberto Corrêa Scienza²

Resumo

Pretende-se desenvolver uma análise fílmica, sob as diretrizes de Jacques Aumont e Michel Marie, de *Tomboy*, drama francês de 2011, escrito e dirigido por Céline Sciamma, com a finalidade de desconstruir a imagem do outro como diferença na pós-modernidade. O outro deste trabalho é Laure, uma criança que assume uma expressão de gênero considerada tipicamente masculina, contrariando sua designação de gênero do nascimento (feminina). Utilizam-se os conceitos de diferença de Gilles Deleuze e moral de Friedrich Nietzsche como chave para a leitura do filme. Desvela-se, a partir da análise, que a moral, representada pela mãe de Laure, tem a finalidade de normatizar a diferença (Laure) que, assumindo tal comportamento (*tomboy*), posiciona-se à margem do modelo, transgredindo os valores morais da sociedade em que está inserida.

Palavras-chave: *Tomboy*; Alteridade; Diferença; Cinema.

Introdução

O indivíduo pós-moderno é um retrato de seu contexto - uma colcha de retalhos. Instável, diverso e mutante. Suas verdades absolutas foram enfraquecidas, logo, suas percepções morais se tornaram mais relativas. Foi mergulhado em diferença e multiplicidade e descobriu que estas estavam todo esse tempo dentro dele. “Como uma colcha de retalhos, a pós-modernidade é feita de um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes” (MAFFESOLI, 1996, p. 15).

O referido indivíduo é mais sensível “às diferenças, às representações das vozes marginais e à importância da heterogeneidade” (PATERSON, 2008, p. 14); mais aberto e tolerante diante da grande diversidade que se manifesta na sociedade.

Infelizmente, isso não significa que o respeito (o que seria o mínimo) à diferença sempre prevalece. Em qualquer sociedade há pessoas que caminham em direção às cavernas e muitas relações que hoje se tem com o outro são dignas desse período.

Vive-se uma batalha entre aqueles que querem regressar para a modernidade - quando as verdades absolutas ainda tinham força, o pensamento dicotômico da representação estava em vigor em detrimento da diferença e as pessoas seguiam cegamente

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação na Universidade Estadual de Londrina. robcorreasc@gmail.com
Orientador: Silvio Ricardo Demétrio. Doutor em Epistemologia da Pesquisa em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor adjunto na graduação em Comunicação Social - Jornalismo e no programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). silviodemétrio@uel.br

as leis e dogmas das grandes instituições e agenciamentos da moral, como a família, o Estado, a religião, etc – e quem quer que a humanidade ultrapasse essa faixa de transição que é conhecida como pós-modernidade enquanto superação e criação de novos valores, enfim, com o objetivo de construir uma ponte para o super-homem nietzschiano. “Noutro tempo, quando se olhava os mares longínquos, dizia-se: “Deus”; mas agora eu vos ensinei a dizer: “Super-homem”” (NIETZSCHE, 2012b, p.91).

O indivíduo pós-moderno, logo, está sujeito a tomar partido a favor da modernidade e da moral ou da criação de novos valores, do super-homem e da diferença. "Pode-se imaginar que ao indivíduo ator e vetor de uma moral universal sucede a pessoa agida por uma ética particular" (MAFFESOLI, 1996, p. 175).

Neste artigo, toma-se o lado da diferença; de uma relativização (superação) moral que possa tornar o outro livre; do desejo não castrado; da vontade de potência para toda diferença, para todo outro. Testemunha-se contra a moral, contra o partido que o homem saudosista dos tempos modernos toma, quando tudo era mais simples, menos diverso, quando todos eram iguais, pois, se por ventura fossem diferentes, seriam normatizados ou excluídos à força.

Para tanto, toma-se a diferença para desvelar a imagem do outro na pós-modernidade a partir da análise fílmica de *Tomboy* - drama francês de 2011, escrito e dirigido por Céline Sciamma. Objetiva-se desvendar as relações de alteridade e a crítica moral existentes no filme a partir da desconstrução da personagem (outro) que representa o conceito de diferença. A metodologia utilizada para analisar o filme de maneira que contribua com a discussão proposta é a Análise Fílmica sob as diretrizes de Jacques Aumont e Michel Marie.

Este trabalho justifica-se por entender que a comunicação social, em seus objetivos mais amplos, busca a compreensão sobre o comportamento dos indivíduos e suas práticas sociais. Uma vez que o cinema é produto da sociedade, pode oferecer elementos e informações que fomentem um estudo filosófico e sociológico sobre o seu *modus vivendi*.

Além disso, acredita-se que o ato de assistir a um filme seja de pura alteridade, pois o cinema sabe abraçar a diferença; heterogeneidade. Por meio de um filme, o espectador consegue se colocar no lugar do outro e, assim, entender a diferença.

Em um filme pode haver elementos que são completamente heterogêneos e diferentes. Era menos o caso na pintura ou na música, porque o cinema captura a alteridade do mundo. [...] O cinema permite confrontar, no mesmo quadro, no mesmo filme, coisas que são radicalmente heterogêneas. Então é evidentemente

muito importante que, através do cinema, sendo criança ou adulto, pode se fazer a experiência direta da alteridade. Quer dizer, em um filme, por exemplo, um homem pode se identificar completamente com uma mulher, com seus pensamentos ou com os problemas de uma mulher, enquanto que na vida real é muito mais difícil. O cinema permite que nos coloquemos - é Serge Daney quem dizia isso - o cinema permite que nos coloquemos no interior do outro, o que na vida real é extremamente difícil (BERGALA, 2012).

Utilizam-se os conceitos de diferença de Gilles Deleuze e moral de Friedrich Wilhelm Nietzsche como chave para a leitura do filme. No entanto, é necessário que se entenda a pós-modernidade de maneira mais profunda filosoficamente para que, então, seja possível uma compreensão adequada de diferença e moral no contexto abordado.

Pós-Modernidade e Niilismo

O pensamento pós-moderno é constituído pela descentralização de poderes, dessacralização de valores, relativização da moral, imprevisibilidade e instabilidade dos acontecimentos, diversidade e heterogeneidade das culturas. Há uma espécie de ceticismo diante de quaisquer verdades e um desprezo por razões dicotômicas³.

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades (EAGLETON, 1998, p. 7).

Pode ser traçado um paralelo entre a pós-modernidade e o niilismo enquanto contextos, planos de imanência, pois ambos representam as ruínas das verdades absolutas, das instituições e agenciamentos morais.

O contexto (niilismo) se relaciona à ideia de pós-modernidade, que designa um discurso sobre as mudanças decorrentes da quebra do monótono pensamento moderno e da criação de um novo paradigma, constituindo uma etapa de transição entre a modernidade e algo novo, porém ainda não definido completamente (SCIENZA; YAMAMOTO, 2015, p. 115).

³ "não se pode mais, de um modo moralista, compreender a vida social a partir de uma dicotomia, seja ela qual for: verdadeiro/falso, bem/mal, etc" (MAFFESOLI, 1996, p. 159).

O niilismo se apresenta como um contexto patológico intermediário entre a modernidade e um novo devir. O discurso promovido pelo niilismo é a falta de finalidade. Deus está morto, logo, não há origem, fim ou um propósito metafísico para a vida e o mundo. “Que significa o niilismo? *Que os valores superiores se depreciam*” (NIETZSCHE, 2012a, p. 3, grifos do autor). Uma conclusão que não engendra sentido. Não se tem fim.

Nietzsche ainda divide o niilismo de duas formas: niilismo passivo (incompleto) e niilismo ativo (completo). O niilismo passivo é a última instância de um niilismo reativo. Não promove a transvaloração dos valores. É onde o nada de vontade se revela. Já o niilismo ativo é onde as forças redirecionam sua força vital para a destruição da moral, onde o absurdo reina e é preciso criar novos valores. Nietzsche se encaixa aqui. Considerava-se “o primeiro niilista perfeito da Europa, mas que ultrapassou o niilismo, tendo-o vivido em sua alma – e vendo atrás de si, abaixo de si, longe de si”. (NIETZSCHE, 2012a, p. 1).

O niilismo, portanto, possibilita um mar aberto de possibilidades. As razões dicotômicas, tão populares e poderosas na modernidade, perderam sua validade, pois fazem parte de um jogo que só aquele que está de acordo com o modelo pode ganhar. Nietzsche (apud PETERS, 2000, p. 66) “pergunta como e por que “nós, os modernos” queremos definir o jogo histórico em termos de dicotomias que implicam, sempre, exclusões”.

Alteridade e Diferença

Na filosofia, o termo alteridade provém do latim *Alteritas*. “Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 2000, p. 34). Portanto, pensar a alteridade é a atividade de colocar-se no lugar do outro.

No entanto, tal atividade não se dá facilmente. O outro, enquanto produto da diferença, muitas vezes, ameaça as bases morais que constituem as sociedades. Portanto, a diferença se torna o grande alvo dos moralismos, preconceitos, fundamentalismos e intolerâncias do mundo.

O conceito de diferença abordado neste artigo é o do filósofo francês Gilles Deleuze. No entanto, este é um conceito um tanto complexo e construído a partir de uma crítica ao pensamento da representação. Para que seja de mais fácil compreensão, introduz-se primeiro o que tal conceito não é (ou o que é de acordo com a representação) para depois explicar o que é, de fato, a diferença deleuziana.

A diferença foi, durante muito tempo, pensada a partir da semelhança, do mesmo, de um modelo, de uma moral. Este é o pensamento da representação. O mesmo e o semelhante, de acordo com Nietzsche (apud SCHÖPKE, 2004), são forjados pela razão de que a diferença deve sempre ser tomada pelo igual ou similar. Assim como Nietzsche, Deleuze critica a representação, acusando-a de estabelecer a diferença “sempre em relação a uma identidade concebida, a uma analogia julgada, a uma oposição imaginada, a uma similitude percebida” (DELEUZE, 1988, p. 228). A representação não deixa espaço para um pensamento fora desses padrões. Um pensamento que tome a diferença como tal.

Por ser algo que está fora dos padrões, nem um igual nem um similar, a diferença no pensamento da representação é algo que deve ser normatizado, pois é uma afronta à perfeição e à igualdade que constitui o pensamento clássico. Logo, a diferença tomada pela representação se torna uma abominação. Este pensamento dualístico, iniciado por Platão, transforma a diferença num monstro moral. Segundo Schöpke (2004, p. 57), "a diferença em Platão é, portanto, um monstro moral que precisa ser encurralado e mantido no fundo do oceano".

Deleuze rebate a percepção de Platão. O francês afirma que a “diferença deve sair de sua caverna e deixar de ser um monstro; ou, pelo menos, só deve subsistir como monstro aquilo que se subtrai ao feliz momento, aquilo que constitui somente um mau encontro, uma má ocasião” (DELEUZE, 1988, p. 65). Assim, Deleuze constitui uma diferença que deve ser tomada fora dos modelos (caverna), para, então, deixar de ser um ultraje (monstro) moral e apenas o que constitui um mau encontro, ou seja, algo que diminui a vontade de potência, o desejo, que deve ser tomado como, de fato, ruim. Isto é a filosofia da diferença. "Tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, assim, a tarefa da filosofia da diferença" (DELEUZE, 1988, p. 65).

Logo, Deleuze estabelece um pensamento da diferença enquanto tal. Para o francês, a diferença deve ser tomada por ela mesma e não pela igualdade ou semelhança, pois ela é exterior ao modelo. É um “de fora”. A filosofia da diferença é então, por excelência, transgressora, pois se posiciona ativamente à deriva, à margem dos valores morais. A diferença é estrangeira. A diferença é o outro.

Essa transgressão que a diferença incorpora se dá por meio da repetição. Pois, segundo Deleuze, se “a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um relevante contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência” (DELEUZE,

1988, p. 24). A diferença é o contra-modelo e a repetição a contínua afirmação desse contra-modelo.

A diferença se manifesta nas relações com o outro. Logo, o outro é produto dessa diferença. Entretanto, o outro assume ou comporta singularidades não aceitas pela moral.

As singularidades são verdadeiros acontecimentos transcendentais: o que Ferlinghetti chama de “a quarta pessoa do singular”. Longe de serem individuais ou pessoais, as singularidades presidem à gênese dos indivíduos e das pessoas: elas se repartem em um “potencial” que não comporta por si mesmo nem Ego (*Moi*) individual, nem Eu (*Je*) pessoal, mas que os produz atualizando-se, efetuando-se, as figuras desta atualização não se parecendo em nada ao potencial efetuado. (DELEUZE, 2006, p. 105).

O pensamento da representação, tão criticado por Deleuze, está fundado em uma moral dicotômica, dogmática, castradora da vontade de potência e do desejo, sem respeito pela diferença e, conseqüentemente, pelo outro.

O Problema Moral

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um dos mais importantes, incisivos e ousados críticos da moral. Para Nietzsche, é necessária uma crítica dos valores morais e do próprio valor desses valores. É preciso que se saiba se tais valores, tomados como supremos, estimulam a construção da ponte para o super-homem ou se inibem a vontade de potência. Se tais valores afirmam a vida ou o ressentimento (NIETZSCHE, 2008).

Segundo Nietzsche (2012b, p.122), “Bem e mal imorredouros não existem”, são apenas percepções morais dependentes do contexto em que estão inseridas. Logo, valores morais não devem ser tomados como verdades absolutas.

Entretanto, a moral se posiciona de maneira dogmática e inflexível. Ela está presente em todos os tipos de relações humanas, originando as políticas e leis do Estado, os dogmas religiosos e até as regras da família. “Essa moral diz teimosa e implacavelmente “eu sou a própria moral, e não há moral fora de mim!”” (NIETZSCHE, 2011, p. 116). Portanto, é lógico pensar que a moral é a raiz das guerras, preconceitos, fundamentalismos e intolerâncias do mundo. O filósofo francês Michel Foucault segue a mesma linha de Nietzsche, uma vez que Moral, para Foucault (1998, p. 24), é “um conjunto de valores e

regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.”.

Recorre-se a Deleuze para que se introduza o conceito de agenciamento. Para o filósofo, um agenciamento é um co-funcionamento de elementos heterogêneos. Uma relação de simultaneidade e simpatia entre diferentes coisas.

O que é um agenciamento? Um agenciamento é uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, a partir das idades, de sexos e de reinos - de diferentes naturezas. A única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: uma simbiose, uma simpatia⁴ (DELEUZE; PARNET, 1980, p. 79).

A moral é um agenciamento maior de outros agenciamentos, como, por exemplo, a religião, o Estado e a família. A instituição e manutenção da moral cabem a esses agenciamentos que produzem discursos normatizadores do outro, pois o tomam pelo modelo moral imposto e não por ele mesmo, pela diferença.

Nietzsche apresenta a transvaloração dos valores como solução para o problema moral⁵. “Do legítimo pensador, exige-se que ele "crie valores". Mas, para tal tarefa, é preciso primeiro romper com os valores que nos construíram” (SCHÖPKE, 2004, p. 175). Tal rompimento fica a cargo de Laure, ou melhor, de Mikäel, em *Tomboy*.

Análise Fílmica

Para evidenciar os discursos audiovisuais analisados em *Tomboy* utiliza-se a metodologia de análise fílmica sob as diretrizes de Jacques Aumont e Michel Marie. O analista deve questionar quais são os temas, a narrativa e o discurso, a tese do filme analisado (AUMONT; MARIE, 2013). Tais questionamentos devem ser respondidos a partir da análise fílmica para que se possa tomar o filme como objeto de discussão.

Geralmente, há três tipos de instrumentos que devem ser considerados para que se possa analisar um filme: instrumentos descritivos de unidades narrativas, características da imagem e do som; instrumentos citacionais do texto ou a “letra” do filme; instrumentos

⁴ “¿Qué es un agenciamiento? Un agenciamiento es una multiplicidad que comporta muchos términos heterogéneos, y que establece uniones, relaciones entre ellos, a través de edades, de sexos y de reinos - a través de diferentes naturalezas. La única unidad del agenciamiento es de co-funcionamiento: una simbiosis, una simpatia”.

⁵ Para saber mais sobre a transvaloração dos valores proposta por Nietzsche, ver (NIETZSCHE, 2011).

documentais - informações provenientes de fontes exteriores ao filme (AUMONT; MARIE, 2013).

É importante destacar que, para o analista fílmico, “o conteúdo de um filme nunca é um dado imediato, mas deve, em qualquer caso, construir-se” (AUMONT; MARIE, 2013, p. 120). Portanto, a análise fílmica nunca desvela um sentido único, mas novas discussões, percepções e perspectivas acerca do filme analisado.

Tomboy (2011)

Tomboy é um filme francês do gênero drama lançado em 2011, escrito e dirigido por Céline Sciamma. A história é a de Laure, uma criança de 10 anos que assume uma expressão de gênero⁶ considerada tipicamente masculina, contrariando sua designação de gênero do nascimento (feminina).

O termo *Tomboy* designa um comportamento tomado como masculino, mas desenvolvido por uma menina. “*Tomboys*, de muitas maneiras, referem-se a uma auto-apresentação masculina em um corpo feminino, desafiando este posicionamento de oposição⁷” (PAECHTER, 2010, p. 5). A diferença abordada no filme *Tomboy* é esta oposição. “A maior diferença é sempre a oposição” (DELEUZE, 1988, p. 66).

A história em fragmentos narrativos: Quando Laure e sua família se mudam para uma nova cidade, a criança conhece Lisa. No entanto, Laure se apresenta para Lisa como Mikäel. Lisa leva Laure até as outras crianças do bairro para brincarem todos juntos. Laure (ou Mikäel) logo conquista os meninos por jogar bem futebol e Lisa por achar Laure “diferente dos outros meninos”. Laure desenvolve vários truques para que nenhuma das crianças perceba que ela não possui um pênis. Também esconde a situação de sua família. Entretanto, quando Lisa bate a porta da casa de Laure é sua irmã mais nova, Jeanne, que abre. Jeanne acaba descobrindo e diz para Laure que vai contar para a sua mãe, mas Laure diz que, se ela não contar, ela a levará para brincar com seus novos amigos. Então, Jeanne se torna cúmplice de Laure. Laure trava uma briga com um menino que empurrou sua irmã. A mãe de Laure descobre que esta não só brigou, mas que disse para todas as outras crianças que ela era um menino chamado Mikäel. Logo, a mãe normatiza Laure, obrigando-a a colocar um vestido e dizer para todos que ela é uma menina.

⁶ Utiliza-se o termo “expressão de gênero” para designar o comportamento *Tomboy* desenvolvido por Laure. Expressão de gênero: “Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero” (JESUS, 2012, p. 24).

⁷ “*Tomboys in many ways enact a masculine self-presentation in a female body, challenging this oppositional positioning*”.

Análise e discussão

A chave de leitura para a análise fílmica de *Tomboy* leva em consideração os conceitos abordados nos pressupostos teóricos. A personagem de Laure, em especial, encarna o conceito de diferença, tornando-se o outro que a moral, representada por sua mãe, deve normatizar.

Diferença

Este subcapítulo trata de fragmentos do filme que se relacionam com o conceito de diferença deleuziano. A personagem Laure representa tal conceito, ou seja, Laure é a imagem da diferença em *Tomboy*.

Durante o período inicial do filme uma dúvida persiste: “a protagonista é um menino ou uma menina?” Uma dúvida, provavelmente, inquietante para muitos e fabulosa para outros, visto que a figura de Laure é perfeitamente andrógena.

A mãe, logo aos 6 minutos de filme, chama a criança de “querida”. No entanto só a partir do momento que a chamam pelo nome, “Laure”, desenvolve-se certo alívio, mas não um alívio completo, pois a protagonista ainda não deixa os telespectadores muito satisfeitos com apenas seu nome feminino. A criança possui trejeitos considerados tipicamente masculinos e pode ser facilmente confundida com um menino. Bom, é o que acontece no filme.

Na cena em que Laure e Jeanne, sua irmã mais nova, estão tomando banho juntas, ainda não se tem a completa certeza de que Laure é, de fato, uma menina. No entanto, Laure acaba com a inquietação diante da dúvida “menino ou menina?” apenas se levantando da banheira ao sair do banho, apresentando uma evidente vagina.



Fonte: *Tomboy* (2011)

A inquietação desenvolvida até esta cena revela uma razão dicotômica institucionalizada na moral vigente: só se pode ser um menino com características tipicamente masculinas ou uma menina com características tipicamente femininas. Não se pode encarnar a diferença. Enquanto a moral dita as regras sociais, não se pode pensar o “outro tomado enquanto tal, por si mesmo – o que significa pensar o outro como diferença” (GALLO, 2008, p. 2).

No entanto, bravamente, Laure encarna a diferença. A criança quer ser Mikäel, portanto, passa a observar os meninos, suas práticas e comportamentos. Laure já usa o cabelo curto, shorts ou bermudas, camisetas, moletoms e tênis diariamente, mas parece se animar com novos costumes que pode incorporar, como, por exemplo, ao ver um dos meninos sem camisa e cuspiendo no chão e, depois de se olhar no espelho sem camisa durante a noite no banheiro de sua casa, faz o mesmo no dia seguinte e ainda observa os meninos de costas urinando em pé na grama (o que se torna um constrangimento para Laure, pois ela não pode urinar com eles e quando sai escondida para urinar um dos meninos a vê, ela se assusta e acaba urinando em seus shorts. O menino não percebe que ela não possui um pênis, apenas que urinou em seus shorts, mas tal acontecimento é logo esquecido). Também joga cartas com o pai e dá a entender que quer experimentar sua cerveja.

Entretanto, o ponto alto da construção da expressão de gênero de Laure/Mikäel é quando a criança produz um pênis com massinha de modelar para colocar dentro de uma sunga também feita por ela para que possa nadar com os meninos e Lisa sem que descubram que ela não possui um pênis.



Fonte: *Tomboy* (2011)

Laure cria um devir consequente de seu desejo de ser Mikäel. Assim, acaba por transgredir os valores morais impostos pela sociedade em que vive. “Desejo de imaginar tudo quanto existe; porque duvidais com justa desconfiança que tudo seja imaginável. É mister, porém, que tudo se amolde e curve perante vós! Assim o quer a vossa vontade” (NIETZSCHE, 2012b, p. 120).

Todavia, a diferença é, para a moral, uma abominação; um monstro; maldita; “a figura do Mal destinada à expiação” (DELEUZE, 1988, p. 65). Consequentemente, deve ser normatizada de acordo com as leis morais.

Moral

Este subcapítulo trata de fragmentos do filme que se relacionam com o conceito de moral nietzschiano.

Laure gostaria de ser o Mikäel que ela criou integralmente, mas mantém isso em segredo da mãe para que possa continuar sendo aquilo que deseja. A mãe de Laure funciona como um agente moral em *Tomboy* uma vez que está a serviço da normatização de Laure.

Embora sua família pareça amar Laure do jeito que ela é, sua mãe sempre faz algumas colocações morais como: “Você está sempre brincando com meninos⁸”, “Você se

⁸ “*Toi qui trâines toujours avec des garçons*”.

maquiou! Está linda com isso. Fica bem em você⁹”. Laure claramente não gosta de tais colocações que reprimem seu desejo de ser quem ela é. São enunciados normatizadores. A mãe de Laure quer que ela se adeque ao sistema; modelo moral. Nietzsche repudia tais sistemas: “Desconfio de todas as pessoas com sistemas e as evito. A vontade de sistema constitui uma falta de lealdade” (NIETZSCHE, 2001, p. 10).



Fonte: *Tomboy* (2011)

Quando a mãe de Laure descobre sobre Mikäel, prontamente castra o desejo da criança: grita com Laure, dá um tapa em seu rosto e, finalmente, ordena que a criança coloque um vestido e vá com ela se desculpar e explicar para seus amigos. “Vai se fazer passar por um menino o ano todo?¹⁰”, “Não estou fazendo isso para lhe fazer mal ou para te dar uma lição. Sou obrigada, entende?¹¹”, “Não me incomoda que você brinque de ser um menino. E também não me aborrece. Mas isso não pode continuar¹²”. A mãe de Laure age segundo as regras e valores morais, em detrimento da diferença e do desejo de sua própria filha. Sua normatização impede que Laure seja quem ela quer ser (Mikäel), ou seja, impossibilita que ela continue a desempenhar o papel de diferença, pois esta é tomada como um monstro pela moral.

⁹ "tu t'es maquillée, toi! Tu es jolie comme ça, ça te va bien".

¹⁰ "Tu vas te faire passer pour un garçon toute l'année?"

¹¹ "Je fais pas ça pour te faire du mal ou pour te donner une leçon. Je suis obligée, tu comprends?"

¹² "Ça ne me dérange pas que tu joues au garçon. Ça me fait même pas de la peine. Mais ça peut pas continuer".



Fonte: *Tomboy* (2011)

É interessante citar dois fragmentos em que as crianças do bairro desempenham o papel de agentes da moral também. No fragmento em que Laure e Lisa assistem aos meninos jogando bola, Lisa diz que não tem escolha a não ser não jogar, já que não a deixariam, pois dizem que ela é ruim. Talvez ela seja ruim mesmo, mas Lisa nem teve a chance de sê-lo. Portanto, Lisa, na verdade, não joga porque meninas não são “autorizadas”. A moral deste fragmento está representada nos meninos que tomam Lisa como alguém que não pode jogar bem futebol por ser uma menina.

Quando as crianças do bairro descobrem que Mikäel é, na verdade, Laure, encurralam-na para descobrir se isso é verdade ou não. Lisa está junto deles e um dos meninos diz para ela que ela deve conferir, pois se Mikäel é uma menina então ela beijou uma menina e isto, segundo o garoto, é nojento. É quando Lisa checa se Laure possui um pênis ou uma vagina. Este fragmento ilustra, novamente, a inquietação que a moral apresenta a partir da dúvida “menino ou menina?” e seu pensamento dicotômico, pois, se Lisa beijou Mikäel, ela beijou alguém do mesmo gênero e isto, segundo a moral, é uma abominação.



Fonte: *Tomboy* (2011)

Considerações Finais

Este trabalho possibilitou o entendimento do conceito de diferença deleuziano e do problema moral nietzschiano aplicados a análises fílmicas. Uma vez que o cinema permite o exercício de alteridade, pode oferecer um plano para o desenvolvimento de estudos e discussões acerca dos conceitos de diferença e moral.

Evidenciou-se o conceito de diferença na origem das relações de alteridade, permitindo a compreensão do outro como produto da diferença, portanto, o outro tomado por si mesmo; como diferença.

Aclarou-se que a diferença é tema latente na pós-modernidade. O indivíduo pós-moderno está mais sensível às relações com o outro e, conseqüentemente, à diferença que produz tal alteridade. Vive-se uma batalha entre aqueles que querem a volta da modernidade com seus modelos e dicotomias morais e aqueles que querem a transvaloração dos valores morais; abraçar a diferença que vem se afirmando na pós-modernidade.

Desvelou-se, a partir da análise fílmica, que a moral, representada pela mãe de Laure, tem a finalidade de normatizar a diferença (Laure) que, assumindo tal comportamento (*tomboy*) - tomado pela moral como uma abominação -, posiciona-se à margem do modelo, transgredindo os valores morais da sociedade em que está inserida.

Portanto, há uma relação de oposição entre diferença e moral. Enquanto a moral engendra dicotomias e modelos, a diferença se posiciona ativamente fora deles. A diferença se afirma como outro.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AUMONT, J; MARIE, M. **A Análise do Filme**. Lisboa: Armand Colin, 2013.

- BERGALA, Alain. **Abecedário de cinema**: Alteridade. Cinead, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rj2ZJQzZfPw>>. Acesso em: 15 de julho de 2015.
- DELEUZE, G. PARNET, C. **Diálogos**. Valencia: Artes Gráficas Soler, 1980.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- _____. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GALLO, Silvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos, 2. 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.
- JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de Potência**: Ensaio de uma transmutação de todos os valores. 2012a. Disponível em: <<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Vontade%20de%20Pot%C3%Aancia.pdf> /> Acesso em: 10 de julho de 2015.
- _____. **Assim Falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012b.
- _____. **O Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Curitiba: Hemus, 2001.
- _____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- _____. **Para Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- PAECHTER, Carrie F.. 2010. **Tomboys and girlygirls**: embodied femininities in primary schools. *Discourse*, 31(2), pp. 221-235. ISSN 0159-6306 [Article] : Goldsmiths Research Online.
- PATERSON, J. M. Pensando o conceito de alteridade hoje [Março de 2008]. Belo Horizonte: **Aletria**, v. 16. Entrevista concedida a Sandra Regina Goulart Almeida.
- PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.
- SCIENZA, Roberto; YAMAMOTO, Eduardo. Gummo: a filosofia nietzscheana como instrumento de crítica social no cinema. **Revista Culturais Midiáticas**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 110-123, 2015.
- TOMBOY**. Direção: Céline Sciamma. França, 2011, 82 min: son., color. Legendado. Port.